



Conselho Cultural da Universidade do Minho – 30 anos

Aníbal Augusto Alves*

Congratulação e agradecimento

Congratulo-me jubilosamente com a comemoração dos 30 anos do Conselho Cultural, em boa hora anunciada pela sua Presidente, Senhora Prof.a Doutora Eduarda Keating, a quem agradeço o honroso convite para participar no número da FORUM consagrado ao acontecimento. Correspondo de bom grado ao seu apelo, com a determinação e empenho que as “coisas” do Conselho Cultural e da sua Unidade, o Centro de Estudos Lusíadas, me mereceram e merecem, como partes substantivas da vida e história da Universidade do Minho, particularmente na sua fundamental dimensão cultural.

* Professor aposentado da Universidade do Minho.

No princípio era a cultura

“1. A Universidade do Minho foi criada pelo Decreto-Lei n.º 402/73, conjuntamente com outras Universidades Novas, sendo-lhe atribuídas as funções de ministrar o ensino ao nível mais elevado, promover a educação permanente e a extensão cultural, fomentar a investigação nos vários ramos do conhecimento e contribuir, no âmbito da prestação de serviços à comunidade, para a resolução de problemas de carácter nacional e regional...”.

[Excerto de *Breve Resenha sobre a Universidade do Minho*. Novembro de 1984].

Retomo, com emoção, este primeiro ponto de uma folha avulsa de quatro páginas, distribuída em cerimónia da Universidade em 1984. Aí reconheço a vigorosa afirmação do carácter congénito da missão cultural da Universidade do Minho. Tal como lhe associo, com força de símbolo, a herança cultural que a nossa Universidade recebeu, com o antigo Paço Arquiepiscopal, o Arquivo Distrital e a Biblioteca Pública de Braga. O mesmo traço fundacional que haveria de ganhar forma institucional na inspirada criação do Conselho Cultural em 1986, pelo Reitor Sérgio Machado dos Santos. Com idêntica clarividência, nomeou para Presidente o Prof. Lúcio Craveiro da Silva, providencial figura com inteligência, engenho e sabedoria fadados para levar a bom porto a frágil barca. A esta singularidade da Nova Universidade cabe associar a riqueza do conceito e sentido de Cultura, incluindo o seu carácter dinâmico e incarnado na própria vida das Sociedades. Apraz-me invocar a este propósito a feliz aceção que lhe explicitam J. Canotilho e Vital Moreira na sua edição anotada da Constituição da República, quando sublinham a “constituição cultural”, especialmente expressa nos Artigos 73.º e 78.º. É esse carácter injuntivo do radical conceito antropológico que também desejo sublinhar na missão cultural da Universidade do Minho, em simbiose com o cultivo da Ciência e consequente aumento do Conhecimento e a ministração do Ensino ao mais elevado nível.

Membro do Conselho Cultural e do Centro de Estudos Lusíadas

A minha pertença ao Conselho Cultural (CC) e ao Centro de Estudos Lusíadas (CEL) decorre no período de 1986 a 1996, embora tenha raízes nos meus primeiros anos na Universidade do Minho. Guardo particularmente viva a participação no Conselho de Gestão para a Biblioteca Pública de Braga (BPB), criado pela Comissão Instaladora e presidido pelo Professor Joaquim Santos Simões, tendo como vogais o Dr. Henrique Barreto Nunes e eu próprio.

Do Centro de Estudos Lusíadas, recorro a vigorosa dinâmica que lhe imprimiu o seu primeiro Presidente, Professor Vítor Aguiar e Silva, apostado em realizar condignamente o desígnio cultural do legado do Senhor Comendador Nogueira da Silva, em especial, no respeitante ao cultivo, promoção, e defesa da Língua Portuguesa, em estreita associação com a Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa. Estas linhas programáticas viriam a ganhar nova expressão em actuais e florescentes cursos formais na Universidade do Minho e ao nível da sua cooperação nacional e internacional.

Com a passagem do Prof. Aguiar e Silva a Vice-Reitor, coube-me exercer a presidência do CEL, continuando acompanhado pelos Profs. José Azevedo Ferreira, Acílio Rocha, Viriato Capela, e a partir de então com o Prof. Norberto Cunha. Da minha presidência e modesto cômputo de acções e obras então realizadas recorro a instalação e apetrechamento dos espaços destinados ao Centro, no 4.º andar da Casa Museu Nogueira da Silva, e o Colóquio dedicado a Oliveira Martins na celebração do 1.º Centenário da sua morte, em 3-4 de Novembro de 1994. Tornara-se à época para mim incomportável a adequada assistência ao CEL e à leal colaboração com os colegas, face à acumulação das obrigações docentes no Instituto de Ciências Sociais, particularmente com os novos cursos de Sociologia e de Comunicação Social. Deixei por isso o CEL.

Neste momento de comemoração, não posso deixar de evocar a saudosa figura do Professor José Azevedo Ferreira, tão prematuramente arrebatado ao nosso convívio humano e fraterno de que ele era tão delicado como eficiente

promotor. Foi uma enorme perda. Já consumado professor, de alto valor e reconhecido mérito, inevitável referência nas Ciências da Linguagem, docente estimado por colegas e estudantes, era uma fundada e grande esperança como obreiro empenhado na construção da Universidade do Minho, e especialmente na fundamental área das Ciências Humanas. O caminho do Conselho Cultural havia de nos enlutar com outras dolorosas perdas nas pessoas do Prof. Hélio Alves e da Dra. Assunção Vasconcelos, companheiros, amigos, de boa e grata memória.

Guardo da minha participação no Conselho Cultural viva recordação do amável e benéfico convívio entre todos os seus membros. Eles compreenderiam bem a menção das figuras paradigmáticas daquele convívio nas pessoas do Presidente, Professor Lúcio Craveiro da Silva e do Secretário, Dr. Henrique Barreto Nunes, Director da Biblioteca Pública de Braga. Recordo momentos de reflexão e de decisão mais difíceis e animados mas sempre conducentes a equilibradas conclusões. É verdade que nem sempre destrincei muito bem o que na minha acção académica relevava da pertença ao Conselho, ao Centro ou às demais funções de professor. Ainda vivíamos intensamente o ideal do justamente célebre modelo *matricial*. Creio, a propósito, com firme convicção, que o carácter interdisciplinar da Investigação Científica e do Ensino Superior inerente aquele ideal, encontrou real e fecunda concretização no entrosamento das Unidades Culturais entre si e com as demais partes da Universidade. Por outro lado, penso que o trabalho cultural mais profundo acontece ao nível do implícito, nos actos, comportamentos e atitudes, em que se realizam as específicas e concretas formas de acção de órgãos, unidades e membros da Universidade. Trata-se de um efeito real, mas como que não visado por si, procedendo antes, ao modo da *causa exemplar* dos Antigos.

Bom augúrio

A Universidade do Minho suscita hoje grande e justa admiração com geral aplauso e profunda satisfação de quantos e quantas se empenharam na sua criação e desenvolvimento. E foram e são tantos e tantas, quer a nível da participação directa dos seus membros, quer ao nível dos órgãos do Estado e diferentes instâncias da Sociedade, de âmbito nacional, regional ou local. E o mesmo sucede com o Conselho Cultural e demais Partes Orgânicas com seus Membros. A árvore cresceu, floresceu, frutificou e prossegue a sua transcendente missão de serviço à Sociedade.

Trinta anos de Conselho Cultural! É muito tempo e é pouco tempo: é muito tempo de árduo e intenso labor de tantos e tantas que lhe dedicaram suas vidas, com os magníficos resultados alcançados; é pouco tempo para as grandes metas que fazem a razão de ser de uma Universidade, e que por sua natureza progredem ao ritmo longo da sua complexidade e profundidade. Tal não impede o justo reconhecimento do caminho andado e das realizações consumadas. A título de exemplo e pelo carácter simbólico que também lhes reconheço lembraria os seguintes marcos:

- *A Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva*, exemplar serviço de leitura pública e irradiante centro de reflexão, debate e aprofundamento das magnas questões das ideias, valores, leis, procurando novas perspectivas e orientações para as exigências da vida social.
- *O Prémio Vítor Sá de História Contemporânea*, motor de investigação científica e já notável contributo para o progresso da disciplina e maior compreensão da nossa história.
- A revista *FORUM*, um monumento de pensamento, de criação, de informação e de animação cultural, espelho e memória do Conselho Cultural e da sua Universidade, dimensões bem manifestas no recente Número 50.
- *A Orquestra da Universidade do Minho*, de incalculável projecção no desenvolvimento artístico, espiritual e estético da comunidade e da própria Academia.

Não caberia para o presente propósito referir mais exemplos. Até porque os temos à mão na primeira história do Conselho Cultural que nos foi dada por Henrique Barreto Nunes, com a competência intelectual, profissional e cívica, que lhe é justamente reconhecida, e com o “saber de experiência feito”, expressão que aqui alcança singular adequação. O seu capítulo VII da *História da Universidade do Minho 1974-2014* é uma verdadeira homenagem ao Conselho Cultural e à própria Universidade. Tal como é auspicioso augúrio de novas e maiores realizações da sua missão, ao serviço da Sociedade, na Ciência, no Ensino, na Cultura. *Ad multos Annos.*

Braga, Outubro de 2016.